

OS ESTUDOS PATRÍSTICOS EM PORTUGAL

A Associação Internacional de Estudos Patrísticos

Para promover a renovação dos estudos da Patrística, estabelecer contactos regulares entre os seus estudiosos e manter uma actualização bibliográfica tão vasta quanto possível, incluindo a menção das teses e projectos para um próximo futuro, foi fundada em 1965 a Associação Internacional de Estudos Patrísticos. A sua sede ficou estabelecida na Sorbonne (Rue Victor Cousin, 1 F-75005 Paris) e desde o princípio a ela aderiram as principais Universidades Católicas e Protestantes. Entre os nomes de estudiosos célebres que já passaram pela direcção da AIEP contam-se Henri Marrou, Jacques Fontaine, André Benoit, etc. Durante a 8.ª Conferência da AIEP, realizada em Oxford, em 1979, foram revistos os Estatutos e eleita uma nova direcção, que pretende dar novo dinamismo à AIEP.

Entre os actuais dirigentes contam-se Fr. Bolgiani (Turim), E. Dekkers (Steenbrugge), A. Ritter (Marburg), sendo secretário o P. Claude Mondésert (Institut de Sources Chrétiennes, 29 Rue du Plat F-69002 Lyon) e tesoureira M.lle Marie-Louise Guillaumin (85, Rue Saint Dominique F-75007 Paris). A cota actual (1980) é de 50 FF ou 10 dólares, por ano.

Uma das iniciativas da nova direcção foi multiplicar os correspondentes regionais e convidar novos membros. Para se ser sócio é necessário ter interesse pelo estudo científico dos Padres da Igreja, quer como professor, quer como investigador, quer como simples estudioso. A inscrição faz-se através de convite enviado pelo Secretariado, por proposta do correspondente regional ou de um sócio efectivo. A partir da nova dinamização da AIEP foi convidado para correspondente em Portugal o P. José Galdes Freire (Rua Guerra Junqueiro, 132 — 3000 Coimbra) e foram enviados convites a vários professores e investigadores, como António Montes Moreira (Lisboa), Isaías da Rosa Pereira (Lisboa), Francisco da Gama Caeiro (Lisboa), Luís Ribeiro Soares (Lisboa), Luciano Coelho Cristino (Coimbra), José Nunes Carreira (Ponta Delgada) e Armindo Vaz (Porto). Outros poderão vir a ser convidados, desde que para isso manifestem interesse. Além de pessoas individuais, existem também sócios colectivos, isto é, instituições. É o caso, entre nós, do Mosteiro de Singeverga, aguardando-se novos pedidos de admissão.

Uma das vantagens dos sócios é receber, gratuitamente, a publicação periódica *Bulletin d'Information et de Liaison*, destinada à bibliografia recente, aos «Instrumenta Studiorum» e às notícias da actividade da AIEP e dos seus centros nos diversos países. Em Junho de 1980 saiu o n.º 5 do *Bulletin*, desta vez sobretudo dedicado a fornecer os nomes e endereços de todos os sócios individuais. Espera-se que ainda em 1980 saia novo número com indicação dos sócios colectivos e informação das actividades realizadas e em projecto. Entretanto, faz-se um grande esforço para publicar brevemente a bibliografia relativa aos anos de 1979 e 1980.

Centros de estudo, colecções e revistas em Portugal

Ao tentar organizar o relatório referente a Portugal deparou-se-nos uma dupla necessidade: 1.º — traçar um panorama dos estudos patrísticos em Portugal nos últimos anos; 2.º — fazer o levantamento bibliográfico (livros e artigos) da produção mais

recente. Ora, por um lado, a nossa actividade patrística é relativamente escassa; por outro, as revistas relativas a 1980 andam bastante atrasadas. Resolvemos, por isso, fazer um estudo mais amplo, destinado aos estudiosos portugueses da Patrística e ciências afins.

A Patrística é estudada, entre nós, sobretudo nos institutos de estudos teológicos. Um conspecto geral da evolução das casas e instituições onde se ministrava o ensino da Teologia na década de 60 até chegar à situação actual pode ver-se no artigo de António Montes Moreira, *Centros de Estudos Teológicos de Portugal*, publicado no *Itinerarium* XXIV, 101, 1978, pp. 308-314. Verificamos uma tendência para concentrar os alunos de Teologia de diversas dioceses, de congregar primeiro os institutos religiosos e de finalmente os unir aos centros diocesanos. As instituições onde actualmente se ensina a Patrologia, enquadrada dentro do curriculum do Curso Teológico, são as seguintes, a partir das datas indicadas:

— Faculdade de Teologia de Lisboa (1968); ISET de Coimbra (1974); ICHT do Porto (1974); Instituto Superior de Teologia de Braga (1977); IST de Évora (1977); e os Seminários Maiores de Angra, Guarda, Lamego e Viseu.

Além disso, devemos mencionar algumas organizações de extensão universitária e de difusão da cultura católica a nível superior, nas quais se presta também merecida atenção ao testemunho e à posição dos Padres da Igreja:

— Instituto de S. Tomás de Aquino, dos dominicanos, em Fátima (1955); Centros de Cultura Católica do Porto (1964), Braga (1965), Viseu (1967), Aveiro (1977), Funchal (1978); Curso de Ciências Religiosas, da Universidade Católica (1975); Centro de Reflexão Cristã (1975), Centro de Educação da Fé, para Religiosas, em Lisboa (1977).

Devemos ainda recordar a existência da Sociedade Portuguesa de Teologia (Lisboa) e da Sociedade Teológica «Mater Ecclesiae» (Braga); e a organização das Semanas Portuguesas de Teologia, Semanas Nacionais de Direito Canónico e das Semanas de Estudos Missionários, estas últimas as mais regulares, tendo sido a última, a XV, em 1978.

Os autores eclesiásticos do actual território português até ao século VIII mereceram também artigos especiais na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (Verbo), no Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, e agora no Dicionário de História da Igreja em Portugal, iniciado a 13 de Maio de 1979 e que até Agosto de 1980 publicou oito fascículos (direcção de António Alberto Banha de Andrade, Editorial Resistência, Rua Nova de S. Mamede 27-2.º Esq. — 1200 Lisboa).

O estudioso da Patrística não dispõe de muitos textos traduzidos em português. As *Edições Paulistas* publicaram de 1960 a 1967 os seguintes opúsculos: S. Clemente Romano, *Carta aos Coríntios* (1960); Fragmentos com inscrições de Abércio e Pectório (1960); S. João Crisóstomo, *Diálogo do Sacerdócio* (1960); S. Jerónimo, *Cartas espirituais* (1960); Tertuliano, *Direito da prescrição contra os herejes* (1960); S. Cipriano, *Tratados e cartas* (1961); Minúcio Félix, *Octávio* (1961); Santo Ambrósio, *Escritos sobre a virgindade* (I e II) (1962); *Didaké ou doutrina dos doze apóstolos* (1967).

A *Editorial Verbo* iniciou em 1973 uma colecção «Origens do Cristianismo» de que saíram os seguintes volumes: S. João Crisóstomo, *Oito catequeses baptismais*; Santo Agostinho, *Sermões para a Páscoa*, 1974; Tertuliano, *A moda feminina. Os espectáculos*, 1974; S. Leão Magno, *Sermões para o Natal*, 1975.

Em português temos ainda os volumes de Patrística publicados pela *Editora Vozes*,

de Petrópolis (Brasil), que, de 1970 a 1978, lançou 14 volumes da colecção «Fontes da Catequese» e, em 1979, iniciou uma nova colecção: «Os Padres da Igreja».

Quanto à produção original propriamente dita, os investigadores portugueses pouco se têm dedicado à Patrística, em si mesma. O panorama que vamos dar resulta do exame das seguintes revistas, sistemático desde 1977 até ao último número que indicaremos: *Boletim de Pastoral Litúrgica* (V, 17, 1980); *Brotéria* (CX, 7-8, 1980); *Didaskalia* (IX, 1, 1979); *Humanística e Teologia* (I, 1, 1980); *Igreja e Missão* (XXXI, 97, 1979); *Itinerarium* (XXV, 105, 1979); *Lumen* (XLI, 8-9, 1980); *Ora et Labora* (XXVI, 2, 1980); *Reflexão Cristã* (V, 23, 1980) e *Theologica* (XIV, 3-4, 1979). Acontece, porém, que quase todas as revistas andam bastante atrasadas na apreciação dos livros que lhes são enviados, de modo que pudemos recuar um pouco mais; e acabámos por fazer uma recolha, embora sumária e não sistemática, da produção patrística portuguesa desde 1970. Das omissões pedimos desculpa; aos autores agradecemos nos enviarem nota bibliográfica completa.

Devemos ainda prevenir que a divisão e apresentação que vamos fazer obedece: 1.º — à catalogação sistemática do *Bulletin d'Information et de Liaison* da Associação Internacional de Estudos Patrísticos; 2.º — segue a ordem cronológica e, em cada ano, os autores vão mencionados segundo a marcha alfabética do último nome.

BIBLIOGRAFIA

I, 1: História das comunidades cristãs

Isaías da Rosa Pereira, *Um «ordo» visigótico para a reunião do concílio provincial*, Revista Portuguesa de História, XIII (1971) 197-209.

Acta da XIV Semana Internacional de Direito Canónico, *O II Concílio de Braga (572) e a função da legislação particular na Igreja*, Braga, 1975.

Fernando Belo, *Uma leitura política do Evangelho*, Lisboa, 1975.

João A. de Sousa, *Para uma teologia do Domingo. Reflexão sobre a origem e significado do Domingo cristão*, Lumen 39, 10 (1978) 375-383.

Arnaldo Pinho Cardoso, *Do sábado judaico ao domingo dos cristãos. I — O sábado judaico; II — Jesus e o sábado; III — Domingo, o Dia do Senhor*, Lumen 40, 3 (1979) 104-111; 40, 8-9 (1979) 316-231; 41, 6-7 (1980) 262-270, 274.

Armindo Vaz, *Patrística*, Conceptos fundamentales de la Teología, II, 2.ª edição, Madrid, 1979, pp. 303-311.

Armindo Vaz, *Patrística*, Diccionario de Filosofía, 3, Madrid, 1979, pp. 2511-2513.

I, 2: História das doutrinas

A. Augusto Tavares, *Da Mariologia à Cristologia* (Mat. 1,25), Lisboa, 1972.

I, 3: Liturgias

A. Luís Vaz, *O rito bracarense*, I, Braga, 1970; II, Braga, 1972.

A. Luís Vaz, *Rito bracarense. Depois do código das rubricas: o culto mariano, primeira peculiaridade*, Ora et Labora XXIV, 3 (1978) 193-196.

Coelho de Bessa, *Origem histórica do Advento*, Ora et Labora XXV, 3-4 (1979) 230-237.

Francisco Costa, *A morte de Jesus Cristo e o tríduo pascal*, Brotéria 108, 3 (1979) 310-326.

Crisóstomo Monteiro, *Vésperas, uma oração para o nosso tempo?* Ora et Labora XXV, 1 (1979) pp. 5-10.

Crisóstomo Monteiro, *O que se entende por iniciação cristã*, Ora et Labora XXV 2 (1979) pp. 122-128.

Avelino Martins da Silva, *A palavra de Deus na Bíblia e na Liturgia*, Ora et Labora XXV, 2 (1979) pp. 113-121.

Fernando Cima, *O catecumenado e o novo ritual da iniciação cristã*, Boletim de Pastoral Litúrgica V, 17 (1980) 13-25 pp.

Fernando Cima, *Ainda devemos baptizar as crianças?*, Ora et Labora XXVI, 2 (1980) pp. 102-110.

Avelino da Silva, *Assembleia e Liturgia*, Ora et Labora XXVI, 1 (1980) pp. 28-36.

I, 4: Cultura antiga e cultura cristã

Manuel Augusto Rodrigues, *Exegese bíblica e antiguidade oriental*, Biblos XLVIII, (1974) pp. 1-87.

Anacleto Gonçalves de Oliveira e Rogério Pedro de Oliveira, *O cristianismo e a escravatura no Império Romano*, Humanitas XXIX-XXX (1977-1978) pp. 145-203.

José Galdes Freire, *A cultura clássica e a linguagem cristã em Santo Agostinho*, Coimbra, 1978.

I, 5: Hagiografia

Avelino de Jesus da Costa, *Santa Iria e Santarém. Revisão de um problema hagiográfico e toponímico*, Revista Portuguesa de História XIV (1972) pp. 1-63.

Margarida Correia de Lacerda, *Barlaão e Josafate (Lenda dos Santos)* Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, I vol., 1977, pp. 626-627.

I, 8: Codicologia

A. Augusto Tavares, *Manuscrito hebraico e aramaico em Lisboa*, Didaskalia VIII, 1(1978) pp. 187-194.

II, 2: Os géneros literários

José Galdes Freire, *Traductions latines des Apophthegmata Patrum*, Mélanges Christine Mohrman, Utrecht/Anvers, 1973, pp. 164-171.

José Galdes Freire, *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova colecção de apotegmas*, Coimbra, 1974.

Clemente Segundo Pinho, *Apotegma*, Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, I vol., 1977, pp. 382-383.

II, 3: O vocabulário e a estilística

J. A. Guerra, *Pastoral do Domingo (Sobre o significado semântico de Sábado e Domingo)* Lumen 40, 2 (1979) 61-65.

J. A. Guerra, *Dia da libertação (Sobre o significado semântico de Yahveh e Naza-raeus)* Lumen 41, 2 (1980) pp. 65-68.

III, 2: O Antigo Testamento

Armando Vaz, *Villegas Mathieu. Cuatro Padres ante un salmo. El salmo 61 comentado por Hilario, Ambrosio, Jerónimo y Agustín*, Teología y Vida 20 (1979) pp. 63-75.

III, 3: O Novo Testamento

Domingos Maurício, *Um estudo de «O Apocalipse de Lorvão» e a sua relação com as ilustrações medievais do Apocalipse*, Brotéria 96, 3 (1973) pp. 355-358.

Donatien Mollat, *S. João Evangelista, mestre de espiritualidade*, Porto, 1978.

Raimundo de Oliveira, *Ler Marcos hoje*, Reflexão Cristã, III, 15 (1978) pp. 5-20.

G. Morujão, *Uma tradução ecuménica do Novo Testamento?* Lumen 40, 2 ((1979) pp. 76-78.

João de Santarém, *Colóquios com Jesus. Revisão doutrinária dos 4 Evangelhos*, Lisboa, 1979.

Vitor Messori, *Hipóteses sobre Jesus. E vós quem dizeis que eu sou?* Porto, 1980.

Joaquim Carreira das Neves, *Jesus de Nazaré, quem és tu?* Braga, 1980.

José H. Barros de Oliveira, *Queremos ver Jesus. Temas de reflexão teológica para jovens e adultos*, 2.^a ed., Gaia, 1980.

IV: AUTORES (por ordem alfabética)

Apríngio de Beja, Dicionário de História da Igreja em Portugal, I vol., 1980, pp. 462-464, por Avelino de Jesus da Costa e Aires Augusto Nascimento.

Augustinismo, Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, I vol., 1977, pp. 508-514, por José Maria da Cruz Pontes.

Boécio, Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, II vol., 1978, pp. 8-9, por José Maria da Cruz Pontes.

La vida de San Fructuoso de Braga, Edición crítica, Braga, 1974, por Manuel C. Díaz y Díaz.

Vita S. Fructuosi. Índices, concordância, análise lingüística, dados estilísticos, Lisboa, 1977, por Aires Augusto Nascimento.

Latim Medieval. Estudo estatístico comparativo da Vita S. Fructuosi e da Vita S. Martini Saurensis, Lisboa, 1977, por Aires Augusto Nascimento.

Vida de S. Frutuoso por Valério de Bierzo (623-695), Braga, 1978, tradução e reconstituição do texto latino pelo Dr. José Cardoso.

Patto di San Frutuoso, Dizionario degli Istituti di Perfezione, VI, 1980, Roma (no prelo) por José Geraldes Freire.

Martino di Braga. Vita. Opere. Azione Monastica, Dizionario degli Istituti di Perfezione, V, 1978, Roma, pp. 1029-1034, por José Geraldes Freire.

A versão latina por Pascasio de Dume dos Apophthegmata Patrum, 2 vols., Coimbra, 1971, por José Geraldes Freire.

Pascasio di Dume, Dizionario degli Istituti di Perfezione, VI, 1980, Roma (a paginar), por José Geraldes Freire.

Paulo Orósio. Um escritor Bracarense do século V, Bracara Augusta XXXIII (1979) pp. 127-144, por José Ferreira Salgado.

JOSE GERALDES FREIRE

(Professor da Faculdade de Letras de Coimbra)

A MORTE: UM PROBLEMA «HUMANO» OU «BIOLÓGICO»?

Exposição e reflexões críticas a propósito de O HOMEM E A MORTE (Publicações Europa-América, 1980) de Edgar Morin.

Por uma questão de exactidão e de economia, usamos frequentemente os mesmos termos do autor, às vezes diferentemente elaborados, sem os colocarmos entre aspas. Outras vezes misturamos os aspadados e sublinhados do autor com os nossos. Atendendo à natureza deste trabalho, e considerando que tanto num caso como noutro se trata de acentuar as particularidades do pensamento, julgamos isso permissível.

1. A obra apresenta uma *Introdução Geral* que o autor, em subtítulo, considera uma *Antropologia da morte*. Esta *Introdução* compreende seis capítulos. Seguem-se mais quatro partes que compreendem, no seu conjunto, mais onze capítulos.

Em relação à edição de 1951, o autor declara que apesar de ter feito «numerosas correcções» não introduziu «alterações importantes» (*Prefácio*, p. 18). A única novidade significativa é um novo último capítulo (o ex-último) e do qual se distancia, «não somente por garridice ou perversão auto-irónica, mas sim para repetir mais uma vez aquela verdade evidente e sempre esquecida: os caminhos da objectividade passam pelo reconhecimento e pela confissão da subjectividade do autor» (*Prefácio*, p. 18).

Como elementos introdutórios há a mencionar uma *Introdução* datada de 1976, um *Prefácio* à edição de 1970, e um *Prólogo*. É a partir destes elementos introdutórios que vamos elaborar as primeiras ideias da nossa exposição.

2. A crise cultural que se cava nos anos 60 fez ressurgir os «grandes Recalcados». O penúltimo foi o sexo. O último foi a morte. Isto quer dizer que o regresso da morte é um grande «acontecimento civilizacional» (*Introdução* de 1976, p. 11). É que as ciências humanas negligenciaram sempre a morte. Reconhecem o homem pelo utensílio (Homo faber), pelo cérebro (Homo sapiens) e pela linguagem (Homo loquax). Mas representando a morte uma «solução de continuidade mais profunda ainda que o utensílio, o cérebro e a linguagem» entre o homem e o animal, parece que deveríamos falar (o autor não usa a expressão mas insinua-a) de «Homo mortalis» (*Ib.*, p. 13).

Nesta perspectiva de «continuidade» e de «solução de continuidade» entre o homem e o animal, E. Morin apresenta a sua concepção *própria* do que deveria ser a Antropologia: a unidade das ciências do homem. Mais em concreto, a ligação de *physis* com *bios*, de *bios* com *anthropos*. Atendendo a que na página seguinte, e neste mesmo contexto, fala de *antropossociobiologia*, poderíamos, sem adulterar o seu pensamento, conceber a Antropologia como *physis-bio-antropo-socio-logia* (*Prefácio* à edição de 1970, pp. 14-16). Estas ideias estão mais extensa e profundamente desenvolvidas numa outra obra do mesmo autor, *O Paradigma Perdido* (Publicações Europa-América, 1975, pp. 7-11 (*Prefácio*), 193, 196, 208). Mas não há só continuidade. Há também rotura. A morte situa-se na charneira bio-antropológica. É a característica mais humana (*Prefácio* à edição de 1970, p. 16).

Esta unidade da bio-antropologia obsessional o autor. No *Prólogo* propõe-se «dissecar a morte na sua pura realidade biológica» (p. 19). Se quisermos superar considerações metafísico-religiosas é necessário «copernicizar» a morte (*Ib.*, p. 20).

Nas observações críticas voltaremos a esta ideia.